

TEOLOGIA DOS POBRES

(texto extraído do “Handbook of U.S. Theologies of Liberation”)

Debora W. Little

(Obs – *A autora é responsável pelo ministério “Igreja nas ruas”, da Diocese de Massachusetts. Esteve recentemente no Rio de Janeiro, conhecendo e apoiando o ministério desenvolvido por nossa Diocese e coordenado pelo bispo Celso Franco*)

Não sou qualificada para escrever sobre a *“teologia dos pobres”*. Mas posso contar algumas histórias a respeito das pessoas empobrecidas que vivem em Boston e como conversam sobre Deus. Tenho que dizer que o meu entendimento da *“teologia dos pobres”* é puramente pessoal, ou seja, oriundo das minhas experiências auxiliado pelos meus sentidos, principalmente os olhos e os ouvidos.

Nasci no seio da classe média americana, sou branca e trabalhei durante quase 30 anos na área administrativa e no campo da publicação. Ao chegar à meia idade, senti o impulso de sair e encontrar-me com as pessoas que permanecem nos bancos dos parques. Queria saber o que eu poderia oferecer a elas e, conseqüentemente, aprender algo de Deus a partir das pessoas aos quais Jesus nos enviou. Eu desejava aprender sobre Deus e cumprir a minha parte no mundo, e assim, aproximar-me da mensagem e do trabalho de Jesus.

Enamorei-me do entendimento de Deus, da Igreja, de Jesus e do trabalho das pessoas descritas na Teologia da Libertação. O que mais fazia sentido era a idéia de que a vida cristã não era uma abstração. Aprendi que os pobres podem nos conduzir para a sombra, a profundidade e a revelação de Deus que está presente em cada fendinha e/ou esconderijo onde há quem O procure e O deseje por imposição da necessidade. Até mesmo uma mulher branca da classe média poderia buscar a salvação mediante a busca do Deus dos oprimidos através do diálogo com o próximo e, conseqüentemente revelar a sua pobreza pessoal.

Naturalmente, não há um *“pobre”* ou um *“sem teto”* específico. O termo *“pobre”* é uma maneira que costumamos classificar ou romantizar a maioria da população do nosso planeta - nossos vizinhos- aqueles que Deus nos chama tão claro a

amar, não no abstrato, mas de uma maneira concreta. Generalizar parece não ser honesto. Dizia meu orientador espiritual quando queria “*entender*” algo: “*Não tente colocar um significado nele*”. Então, vou-lhes narrar algumas histórias provenientes da minha experiência com a população de rua.

Minha Experiência nas Ruas

Aos 45 anos entrei no seminário e aos 50 fui ordenada sacerdote Episcopal. Após a minha ordenação, mas especificamente, no dia seguinte, coloquei nas costas uma mochila cheia de meias, barbante, um conjunto de primeiros socorros, listas de lugares onde poderia achar comida e abrigo, um missal, minha estola, óleo da unção, uma lista contendo os endereços dos lugares onde aconteciam os encontros dos alcoólicos anônimos, unguento para os lábios e sanduíches de creme de amendoim e geléia. Então, fui às ruas. Lembro-me bem daquele primeiro dia. Parei no Café de Paris próximo a Hotel Ritz em Boston, comprei duas xícaras de café e atravessei a rua até o Parque Jardim Pública. Olhei ao redor para ver se havia “*alguém que parecia ser um sem teto*”. Vi um homem com alguns sacos de papel, fui até ele e me sentei. Não tinha ideia do que dizer. Ofereci-lhe uma das xícaras de café. Então, ele olhou para mim e perguntou: “*Como vai a senhora?*”. Nos meus primeiros 5 minutos de Ministério na rua a primeira lição que aprendi foi perceber quem ministra a quem.

Algumas semanas depois, eu perguntei à ***Maria*** – que estava sentada ao lado de um grande chafariz próximo à Igreja com todos os seus pertences – como que ela estava. “*Estou muito bem!*”, ela respondeu, e continuou... “*Deus me acordou esta manhã*”. Eu nunca tive tal pensamento, definitivamente, não. A mudança ocorreu quando pernoitei num beco próximo à baía. Após esta experiência concluí que Jesus estava certo ao afirmar que precisamos ir aos pobres para aprender sobre a mensagem divina. ***Maria*** não tem nem relógio de alarme, café de manhã, teto, emprego, aparelho telefone, nem qualquer auxílio proveniente de outra camada social que eu tanto gostaria de lhe oferecer. Trata-se de uma mulher sofrida e que durante vinte anos não teve acesso aos ambientes sociais. Mas, ***Maria*** acredita em Deus. Seus pesadelos não derivam da carência da intimidade divina.

Em outra ocasião, numa noite lúgubre, resolvi ir ao Parque de Boston após uma reunião. Levava alguns biscoitos e ‘*donuts*’ que sobraram deste encontro. Chovia

bastante, mas ainda assim, continuei procurando algum faminto pelos arredores. Encontrei **Sam** numa das bancas. Ele perguntou se podíamos orar. “*Deus, eu sei que o Senhor está lá em cima*”... ele começou..., “*mas aqui em baixo as coisas são muito ruins. Não consigo parar de beber. Mas, hoje à noite, não estou rezando por mim. Alguns dias atrás, meu amigo Fred morreu aí*”. Ele apontou para o chafariz à sua frente. “*Quando eu o achei, ele não tinha mais sapatos. O chapéu dele também faltava. Ele sempre andou de chapéu. Essas ruas se tornaram um inferno. Precisamos do Senhor, Deus. Vivi muitos anos nessas ruas. Não tenho dinheiro, mas eu peço dinheiro para o meu irmão caso ele necessite e eu não tenha. Eu deveria saber que o Fred estava com problema. Precisamos cuidar um do outro. Deus nos ajude.*” **Sam** nunca foi a um seminário. Não é um membro da Igreja. Mas, ele ama ao seu próximo e mesmo alcoolizado conversa constantemente com Deus. **Sam** confia em Deus e clama por justiça e direito. Seus problemas são similares aos de qualquer cristão, mas ao praticar o amor diariamente ele demonstra que possui um bom coração.

Fazer o bem não é fácil

Certo dia, bem no início do ano, ouvi “*a pergunta*” que temia desde o início do Ministério da rua. **Jack** estava esmolando no seu ponto que ficava em frente a uma joalheria muito sofisticada e me fez a seguinte pergunta: “*Por que a senhora está falando comigo?*” Balbuciei algo do tipo: “*só queria ajudar*”. **Jack** – que até então eu não conhecia, era mais esperto que eu - ele se inclinou contra a vitrine ordenada de relógios de ouro e me falou gentilmente: “*Fazer o bem não é fácil, você sabe*”. Ele continuou a perguntar no intuito de conhecer a verdade. Repliquei que fazer o bem não é nada fácil se nós não formos honestos, prontos a confessar nossas incongruências, cuidarmos de nós mesmos e se não transbordarmos tudo o que podemos sobre aqueles que desejamos ajudar e com quem queremos aprender. Conviver com os pobres nos transforma, e, esta é uma maneira de Deus manifestar a Sua Vontade neste planeta. Aproximando-nos de Jesus e de Seu modo de escutar os homens podemos perceber que somos parte integral dos Seus infinitos poderes de cura. Pude observar que durante o dia sou um recipiente que pratica o hábito da escuta das falas humanas.

Em outra ocasião conheci um homem chamado **Lucas** que vivia nas ruas há cinco anos em consequência da perda do apartamento e do emprego que ele denominou como “*injustiças*”. Ele tinha o hábito de ficar horas sentado escutando os seus amigos

Thomas e o **Don Poirento** ou qualquer um que habitasse a galeria conhecida como 'sem teto'. Eram homens e mulheres que dificilmente pararíamos para escutar por mais de dez minutos.

Em outra circunstância, numa noite gelada, **Alex** foi ao Parque e saiu em busca de pessoas embriagadas com o intuito de encontrar um abrigo. À medida que os encontrava, ele os amarrava com uma corda cumprida e os conduzia pelas ruas até encontrar um canto quentinho. É importante não olharmos essa 'gente sem teto' com olhos piedosos, pois, muitos deles são inexplicavelmente generosos.

Ernesto sempre quer que eu ore por seu amigo **Sam** que está morrendo em baixo da ponte, envolto em um cobertor. **Tomás** que mendiga em frente a uma igreja no centro relata que sempre ora pelas pessoas que carregam “um olhar de superioridade” como ele costuma afirmar. **Rodrigo** e **Bob** ao receberem um cobertor doado por mim numa noite gélida gostariam de saber para quem eles deveriam rezar e agradecer. **Moisés** sempre me diz que Deus está cuidando dele. Diz ele: “*Eu sei que eu não posso tomar conta de mim. Eu só espero não ocupá-Lo tanto a ponto Dele não ter tempo para cuidar dos outros.*”

Em uma quadra distante da catedral de S. Paul, **David** senta na calçada em cima de uma folha de papelão com uma xícara na mão. É a sua rotina diária e um Ministério. Alguns anos quando eu o conheci, fiz esta estúpida pergunta: “*Por que você não vai receber as refeições gratuitas?*” E, continuei: “*...Então, posso trazer-lhe uma sopa?* Sua resposta foi: “*Eu gosto de comer o frango inteiro*”. Não foi difícil para eu imaginar a qualidade do frango que acompanha as refeições gratuitas da Catedral. Ele continuou: “*...eu não preciso de muito..., mas gosto de escolher o que vou comer. Eu não suporto ficar numa fila*”. Com esta declaração vi que os “recursos” que eu tinha empenhado para lhe oferecer um prato de comida não o satisfaziam. Ele insistia falando sobre a sua real necessidade que era a de ser um homem livre e independente. Então, sentei-me com ele na calçada e perguntei-lhe: “*Você pode me dizer algo sobre Deus?*” Ao que ele prontamente respondeu: “*Ah! Eu conheço Deus. Eu oro o dia inteiro. Eu oro por estes pobres*” – acenou em direção à Rua Tremont - “*Eles todos parecem tristes, perdidos sobrecarregados.... Não parece que conheçam Jesus. Não sabem o quanto Deus os ama*”. Então, solicitei que ele rezasse por mim.

Aprendendo sobre nós mesmos

Uma das dádivas da nossa “comunidade sem teto” é o quanto ela nos ensina sobre nós mesmos. Estando ao lado de pessoas que continuamente enfrentam tantas auguras e que ao mesmo tempo estão próximas à Santidade é uma experiência simultaneamente dolorosa e emocionante. Comumente descrevo meu trabalho como uma observadora constante dos seus próprios defeitos de caráter. Sinto necessidade de socorrer às pessoas, de fazer algo, qualquer coisa, por menor que seja. Percebo que minha tarefa é assumir a dor do próximo. Aprendi arduamente nas minhas primeiras interações e ainda hoje reconheço que minha luta espiritual é a de estar junto às pessoas. Simplesmente isso. Aprender com elas, sugerir algo quando for solicitada e não julgar os “resultados”. Jesus só pede que nos doemos de todo coração.

Cada um de nós tem o seu próprio caminho. Por que eu vou vender para alguém a agenda da classe média branca que é responsável por suas próprias tristezas? Essa sabedoria me chegou aos poucos, e muitas vezes a esqueço. Seguramente Jesus nos fala através da vivência do pobre, chamando-nos a sermos mais simples, para darmos sem esperar receber algo em troca. Não se trata de desprezar aquele que pensa de forma distinta, mas para sermos puros de coração e amar como Deus nos ama.

Após um ano e meio desde o início do meu Ministério, mas precisamente no dia 24 de dezembro, decidi celebrar a Eucaristia junto com o pessoal que passa o dia na estação central de Boston. Eu estava lendo a história de Natal quando um homem interrompeu e com lágrimas nos olhos disse: *“meu nome é Joseph. Quem dera que eu fosse o Joseph desta história”* - apontando o texto – e continuou.... *“Quando a minha mulher me enganou, e a odiei”*. Aprendi naquela noite como as Escrituras são reais e concretas a ponto de ser impossível afirmar que não exista nada entre eles e o Evangelho. **Joseph** mora sozinho. Sua companhia são as sacolas, a refeição e Deus. Não pretende pôr significado nisso, mas ele está próximo o suficiente para tocar Deus. Nós temos muito que aprender com ele.

Billy comenta: *“eu penso que cada vez que se lê o Salmo 23, o Espírito Santo está presente. E isto me comprova que há mais que gente aqui – o Espírito, o Espírito Vivo está também”*.

Alguns meses após aquele culto da estação de trem comecei uma liturgia de adoração no parque público de Boston Common. Desde então, reunimo-nos todos os domingos, onde a nossa assistência varia entre 100 e 150 pessoas. Desenvolvemos este culto para oferecer a Igreja a quem não pode ou não quer entrar em prédios. Muitos sem-tetos tem medo ou vergonha de entrar nas Catedrais/Templos. Outros se preocupam com o seu comportamento, com a sua roupa ou não suportam recintos fechados.

Quando alguns moradores do subúrbio começaram a conhecer o nosso trabalho e ouvir nossas experiências desejaram participar do nosso Ministério. Fiquei apreensiva, preocupada e ansiosa em proteger a nossa comunidade. Não queria que a nossa gente fosse incomodada ou se tornasse puro objeto de curiosidade ou de atenção. Para minha surpresa, descobri que os “sem tetos” estavam mais prontos que eu em partilhar a sua adoração e até mesmo as suas vidas, dando aos visitantes dos subúrbios as boas vindas. Eles falam em oferecer o seu “lar” aos outros. Eles se sentem encorajados e desejam conectar com o mundo a sua volta ao sentir que as pessoas desejam aprender com eles.

Um indígena americano vinha quase desde o início, mas não se juntou ao nosso círculo de adoração. Ele preferia se sentar nos degraus da igreja localiza no outro lado da rua. Nós levávamos a ele a eucaristia e um sanduíche. Ele falava pouco. Uma vez perguntei como ele imagina Deus. Pela primeira vez, encarando-me, ele respondeu: *“Olha, Deus está em toda parte, Deus é tudo! Eu sei que Deus está comigo”*. Era como enfatizar o óbvio, ou seja, se não fosse desta forma, ele estaria sozinho.

Para além das preocupações pessoais

Sabemos que alimentação e abrigo são fatores essenciais para a população de rua, mas é surpreendente perceber que eles não se preocupam exclusivamente com as circunstâncias perigosas aos quais estão expostos diariamente.

Frances, que muitos sem-tetos chamam de “Mãe” é uma das cristãs mais fieis. Com sua voz sonora ela entoava hinos e discursava sobre qualquer assunto que venha à sua mente. Num domingo, quando estávamos refletindo sobre a história de Jesus e a cura do cego ela se aproximou do grupo, deixou seus pertences de lado por uns instantes, colocou as mãos na cintura e em voz alta falou: *“Já ouvi toda essa história do*

Evangelho antes. Quando é que a gente vai comer?” E, entoou de forma mais potente e reverberante a rendição do hino “Estou pisando em Terra Sagrada.”

Dia após dia, experimento a presença da elevação dos desejos simples de Deus nas palavras e ações da população mais pobre. Eles parecem rezar mais, ser mais agradecidos, preocupam-se mais com os outros, são mais honestos e possuem uma clara e distinta ideia sobre o conceito de Deus que a maioria das pessoas das camadas abastadas que conheço não tem. Quando iniciei o Ministério imaginava que iria ouvir depoimentos nutridos do sentimento de raiva contra Deus, mas, não foi este o caso. O que percebi é que eles – cada um ao seu modo – tem acesso à Verdade e que estão prontos a partilhar. Percebo que a crença em Deus que conduz a ressentimentos e desilusões seja privilégio daqueles que desfrutam de uma vida pomposa. Os moradores de rua na América sempre foram considerados culpados por sua situação. Mas, a verdade é que eles não se enquadram nos moldes de uma sociedade que visa controlá-los e/ou excluí-los. *Kenneth Kusmer* no livro *“Down and Out”* (Os Rejeitados) relata que seus perfis não são compatíveis com a ideia de sucesso do mundo pós-moderno. Esta rejeição também é visível em algumas camadas conservadoras da Teologia e da Igreja.

Entendimentos Teológicos

Gary relata: *“Eu não quero dar a impressão que eu esteja sem raciocínio, mas todas às vezes eu convidei Deus e Jesus para estarem aqui, Eles vieram sempre que possível. Ele não vem quando eu quero que venha.”* E acrescentou... *“quando você atualiza o Texto Sagrado, eu percebo que Ele se encaixa em todos nós. Eu percebo Jesus.”* Continuou... *“Quando eu conto minhas histórias lá na rua, eu evito falar da Bíblia, porque quero o crédito para mim. Jesus fez o que Ele tinha que fazer e eu faço o meu. Há uma coincidência.”*

A maioria das pessoas que vivem ao relento carrega consigo todos os seus pertences durante todo o dia. Se solicitarmos a eles que mostrem o que carregam em suas sacolas, normalmente, encontraremos uma Bíblia arruinada, mas seguramente lida.

Nossos irmãos e irmãs que nada possuem nos ensinam que usufruímos de tudo o que precisamos, sobre Deus, a vida de Cristo, a Igreja como um lugar onde falamos e

buscamos a verdade, ou seja, um ambiente que proporciona ao ser humano o exercício da alteridade. E, finalmente, nos ensinam a declarar a nossa fé.

Certa vez, uma moradora do subúrbio conhecida como **Bárbara** se posicionou no meio do nosso círculo para cantar “*Amazing Grace*” com lágrimas correndo pela face. Ao ouvirmos, tivemos vontade de fugir, pois não queríamos tanta dor no nosso culto. Ao término, estávamos diante de uma mulher que possuía tudo que precisava para tranqüilizar a sua dor, ou seja, detentora de meios para obter medicação, psiquiatria, moradia, instrução, acesso à Igreja e família. Mas, ainda assim, se dirigiu aos moradores de rua, se colocou diante deles para revelar algo que ela carregou sozinha desde à infância até à maturidade. Diante deste fato, ficamos muito emocionados.

Alison – uma de nossas queridas - morreu no gramado em frente à Catedral do Parque. Ela estava segurando o seu frasco e carregava a cruz da nossa Catedral do Parque ao pescoço. Diante deste quadro lastimável, ouvi a voz de **Gary** me consolando. Ele afirmava: “*Escute-me. Agora, todos temos um nome. Isso foi consequência do seu trabalho. Estamos na mesma luta contra o sistema. O sistema ganha e leva embora. Mas, Deus está aí cuidando.*”

Nós, os privilegiados temos tanto que aprender com os mais empobrecidos. Mas, de que forma? É fácil dialogar e fazer, porém precisamos sair dos nossos esconderijos, do nosso escudo protetor (de segurança física, emocional e espiritual). **José Comblin** enfatiza o que ele denomina “*Verdadeira Libertação*” da Teologia. Segundo suas palavras: “*Conceitos cristãos da Teologia tradicional têm sido distorcidos pelo ambiente do Cristianismo formal*”. Por “*ambiente*” ele pretende afirmar “*domínio, clericalismo e imperialismo.*” E, prossegue: “*Tudo tem que ser reexaminado, reinterpretado do ponto de vista de Deus, da teologia de Cristo, da Igreja, da graça e do pecado, dos sacramentos, e assim adiante*”. Poderíamos então nos perguntar: Como é que nós podemos ceder lugar para promover a liberdade aos nossos pobres oprimidos e aprender a expressar e ver Deus de seus pontos de vista? Não satisfaz olhar a teologia dos pobres da nossa posição costumeira social. Os pobres estão livres das amarras e limitações da classe média no seu entendimento da Teologia porque não pertencem a esta classe nem devem nada a ela. É em razão disto que Jesus falou que é muito mais difícil para um rico entrar no reino de Deus.

Visão induzindo Ação

A Teologia da Liberação nos diz que não satisfaz ao cristão ter somente boa vontade. A nossa Teologia tem que incluir a fala e o ponto de vista dos pobres, e, conseqüentemente nos impelir à ação. *Joerg Rieger* em seu livro *“Lembre dos Pobres”* nos conduz a questionar até que ponto a Teologia tem contribuído no aumento da desigualdade entre os primeiro e terceiro mundos. Em pleno século XXI, se ampliarmos o nosso olhar iremos perceber que há muito que fazer e desfazer. Acostumamos-nos e nos acomodamos com a vitória do capitalismo, os níveis de pobreza e outros indicadores de desigualdade e injustiça que se agravam nos vários cantos do planeta. A Teologia precisa repensar o seu papel diante deste contexto. *Rieger* insiste que isso não é uma questão de curiosidade ou inclusão superficial, mas que nós sejamos impelidos a buscar apoio/colaboração das pessoas em função da urgência e da necessidade que a situação nos impõe.

Esta colaboração, eu sugiro, não se limita a teólogos, Clero e a outros que gostam de embalar através das palavras. Ela precisa ocorrer ao nível de vida, ou seja, não somente teoria, mas, e, sobretudo, através da prática. A parcela empobrecida é majoritária e ela precisa ser ouvida e atendida. *Rieger* nos ensina *“sem encontrar com o ser humano reprimido, diferente, é difícil imaginar um encontro com o “Outro Divino”*. Os pobres tem um ângulo de visão que necessitamos. Se vamos o escutar e aprender com os pobres seriamente, devemos, como *Rieger* afirma, participar *“na obra libertadora de Deus que já ocorre na Igreja e no mundo e assim criar novas formas de solidariedade entre ricos e pobres, opressores e oprimidos, nós mesmos e os outros”*. Nisso a Teologia toma uma nova forma. Os pobres, como instrutores, conseguem expor falhas, equívocos e levantam novas questões que nos conduzem além do impasse atual. Esta é a chamada que Jesus nos faz e que devemos procurar. *“Venha e Veja.”*